

RESPEITO NÃO RIMA COM PRECONCEITO: O CANDOMBLÉ E O ENSINO RELIGIOSO NA ESCOLA DA INFÂNCIA BRASILEIRA

Rebeca Ramos Campos; Sandro da Silva Cordeiro

Núcleo de Educação da Infância – NEI/CAP/UFRN

A temática religiosa ainda é delicada no ensino das escolas do Brasil. Primeiramente porque possuímos uma grande diversidade cultural em nosso país. Em seguida porque sabemos que, apenas com a primeira Constituição republicana, em 1891, é que todas as religiões passaram a serem aceitas abertamente. Antes, ainda no Império, apenas a religião Católica Apostólica Romana era reconhecida e permitida de ser praticada livremente. Mesmo depois de tanto tempo, as religiões afro-brasileiras, como o Candomblé, ainda sofrem discriminação em nossa sociedade. Preocupadas com o tipo de Ensino Religioso praticado nas escolas, que reforçam algumas relações de poder entre uma religião e outra, desenvolvendo assim práticas de prejulgamento e desvalorização cultural, e ainda, reconhecendo a escola da infância como espaço de aprendizagem de valores e cultura, essa pesquisa se empenha em investigar as concepções de alunos do 2º ano do Ensino Fundamental sobre a religião do Candomblé, bem como a superação de preconceito e a construção de respeito, nas aulas de Ensino Religioso. Foi desenvolvida no Colégio de Aplicação (Cap) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, no Núcleo de Educação da Infância – NEI, a partir de uma intervenção pedagógica, baseada na metodologia do Tema de Pesquisa, que é sustentada por três momentos inter-relacionados: estudo da realidade (ER), organização do conhecimento (OC) e aplicação do conhecimento (AC). Ao todo, vinte crianças e duas professoras, participaram da pesquisa. As crianças associavam o Candomblé à práticas religiosas maldosas, citando-a como religião do “mal”, algumas famílias se opuseram às pesquisas sobre a religião na escola e disseram que “não era de Deus”. As vivências ajudaram as crianças e as famílias a conhecerem a origem do Candomblé e compreenderem que algumas palavras como “macumba” significavam apenas um instrumento de percussão africano utilizado nos cultos. Além disso entrevistar um pesquisador (antropólogo) de religiões afro-brasileiras e adepto do Candomblé, desmistificou algumas crenças errôneas sobre a religião. Concluímos que a falta de conhecimento é o fator desencadeador do preconceito e que as escolas possuem o dever de promover um ensino religioso que amplie os conhecimentos de todas as religiões como prática de formar crianças mais tolerantes e respeitosas.

Palavras-chave: Ensino Religioso, Candomblé, Ensino Fundamental.

RESPEITO NÃO RIMA COM PRECONCEITO: O CANDOMBLÉ E O ENSINO RELIGIOSO NA ESCOLA DA INFÂNCIA BRASILEIRA

Rebeca Ramos Campos (Autor); Sandro da Silva Cordeiro (Coautor)

Núcleo de Educação da Infância – NEI/CAp/UFRN

rebecaufrn@hotmail.com; sandro.ufrn@gmail.com

Todo mundo tem seu jeito singular
De crescer, aparecer e se manifestar...
Já pensou, tudo sempre igual?
Ser mais do mesmo o tempo todo não é tão legal
Já pensou, sempre tão igual?
Tá na hora de ir em frente:
Ser diferente é normal!

Gilberto Gil, trecho da música “Ser diferente é normal”

Introdução

A mensagem em evidência no trecho da música composta por Gilberto Gil remete-se objetivamente as diferenças e ao modo como devemos encará-las, compreendendo as particularidades de cada sujeito como marcas a serem respeitadas. Trata, ainda, da monotonia que seria se tudo fosse igual, sem variações. E, por fim, faz um alerta para pensarmos adiante, convocando para uma mudança de pensamento.

Esse entendimento vem em momento bastante oportuno: a necessidade de discutirmos sobre a diversidade, em sua acepção mais abrangente, no interior das instituições educativas. A escola, como microcosmo social, mostra-se como lócus em que as diferenças aparecem de forma pulsante, sejam elas de ordem social, cultural, econômica, sexual ou mesmo de gênero. É preciso considerá-las e, também, empreender um tratamento adequado a essas questões, se queremos um projeto de sociedade que priorize a igualdade de direitos e oportunidades entre os cidadãos.

Em se tratando dos aspectos de ordem cultural, torna-se inevitável mencionar as religiões, como forma de entender como os homens se constituíram ao longo da sua história, percebendo que diversas ações humanas tiveram motivações religiosas e definiram os rumos da sociedade.

Nesse sentido, as discussões envolvendo a religião em solo educativo tornam-se complexas no sistema de ensino brasileiro. Em primeiro lugar, porque possuímos uma grande diversidade cultural em nosso país. Em seguida porque sabemos

que, apenas com a primeira Constituição republicana, em 1891, é que todas as religiões passaram a serem aceitas abertamente. Antes, ainda no Império, apenas a religião Católica Apostólica Romana era reconhecida e permitida de ser praticada livremente.

Mesmo depois de tanto tempo, as religiões afro-brasileiras, como o Candomblé, ainda sofrem discriminação em nossa sociedade. Preocupadas com o tipo de Ensino Religioso praticado nas escolas, que reforçam algumas relações de poder entre uma religião e outra, desenvolvendo assim práticas de prejulgamento e desvalorização cultural, e ainda, reconhecendo a escola da infância como espaço de aprendizagem de valores e cultura, este artigo se propõe a investigar as concepções de crianças do 2º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 7 e 8 anos, sobre o Candomblé, ancoradas num estudo mais abrangente – Mares e Oceanos – mostrando sequencia didática que contempla a interrelação entre diferentes componentes curriculares, o que permitiu o desenvolvimento de um estudo multifacetado, tendo a religião afro-brasileira como pano de fundo da discussão. A investigação foi desenvolvida no Núcleo de Educação da Infância (NEI), Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Ensino Religioso: o que dizem os documentos oficiais

A Legislação Brasileira assume, com a Constituição de 1988, em seu artigo 210, parágrafo primeiro que: "O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental". Isso quer dizer que todas as escolas terão a obrigação de oferecer Ensino Religioso em seu currículo, mas que será facultativa a matrícula dos alunos nesta disciplina.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96) e sua nova redação do artigo 33 (Lei 9.475) também direciona/reforça a obrigatoriedade do Ensino Religioso e o considera como área do conhecimento e como parte da formação básica do cidadão, estando inserido na área de Ciências humanas. A preocupação maior dos documentos é tratar a religião como conceito incorporado à cultura e não como pregação, doutrinação ou catequese.

O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, conceitua disciplina dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental, assegurando o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismos” (LDB, 1996).

Em 1997, a apresentação dos Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Religioso (PCNER, 1997), marco para a educação brasileira, oferece um documento orientador construído por várias tradições religiosas, destacando o fenômeno

religioso e a sociedade pluralista, em uma perspectiva histórica. O mesmo é composto por três capítulos que propõem eixos organizadores, conteúdos, tratamento didático e pressupostos para avaliação. Em 2009, foi publicada a 9ª edição deste documento sem adequação de conteúdo, apenas de novo design.

As resoluções do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Básica, CNE/CEB nº 4/2010 e nº 7/2010, que fixam as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos, consideram o Ensino Religioso como uma das cinco áreas do conhecimento, juntamente à Linguagens (Língua Portuguesa, Língua materna para os indígenas, Língua estrangeira, Arte, Educação Física), Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas.

O texto da primeira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2016, apresenta como objeto de estudo para o Ensino Religioso o *conhecimento religioso* e o *diálogo* como princípio metodológico orientador, estruturados a partir de três eixos: ser humano, conhecimentos religiosos e práticas religiosas e não religiosas. Em seu parágrafo 13 aponta que na perspectiva da diversidade cultural, religiosa e dos direitos humanos,

O Ensino Religioso não pode ser concebido como ensino de uma religião ou das religiões na escola. Busca desconstruir significados e experiências colonialistas, reconstruindo atitudes de valoração e respeito às diversidades, ao mesmo tempo em que instiga a problematização das relações de saberes e poderes de caráter religioso, presentes na sociedade e respectivamente no cotidiano escolar.

Porém, o Ensino Religioso não está presente em sua terceira e última versão. O Ministério da Educação - MEC alega respeito à Lei de Diretrizes e Bases, informando que não caberia à União estabelecer base comum para a área, pois poderia interferir indevidamente em assuntos da alçada de outras esferas de governo da federação, já que a mesma determina que a definição desses conteúdos seja de responsabilidade dos sistemas de ensino (Estados e Municípios), aos quais estão ligadas as escolas públicas de Ensino Fundamental.

O assunto é complexo, e ainda no mês de agosto de 2017 foi pauta de discussão no Supremo Tribunal Federal – STF, em que o reconhecimento de um ensino religioso de natureza não confessional provocou votos divergentes. O momento se faz importante porque segundo as diretrizes, a **matrícula** em ensino religioso é optativa ao aluno – mas a **oferta** é, em tese, obrigatória pelas redes públicas. Na maioria do país o Ensino Religioso aponta para a adoção do “ensino da religião católica”, fato que afronta o princípio constitucional da laicidade. Essa situação merece, portanto, ser discutida. Em

setembro do mesmo ano, a sessão será retomada, demonstrando que o assunto não é tão simples como alguns possam imaginar.

Diante das discussões supracitadas, e em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBE/2016), a Proposta Pedagógica do NEI acredita que a Educação Religiosa (assim também chamada), deve ser pautada pela necessidade de reconhecer a diversidade cultural, a existência de diferentes grupos religiosos e não religiosos, sem o privilégio de determinados segmentos, primando pelo combate ao preconceito e tendo como premissa a laicidade da escola pública.

Lendas... a gênese do estudo

A turma do 2º ano do Ensino Fundamental decidiu se dedicar ao estudo do Tema de Pesquisa *Mares e Oceanos* no decorrer do ano letivo de 2016. Dentro da nossa abordagem metodológica – o Tema de Pesquisa - as crianças são levadas a refletir sobre o que já sabem a respeito do tema mencionado e o que gostariam de saber, momento denominado de Estudo da Realidade (ER). Essas duas questões basilares ajudam na organização do quadro da pesquisa, na qual o professor deverá sistematizar os objetivos, os conteúdos e as estratégias possível frente às perguntas/afirmações surgidas. Em alguns casos, também, o olhar perspicaz do professor pode sugerir um aprofundamento e/ou direcionamento para novas questões, à medida que o estudo é aprofundado pelo grupo.

Quando nos deparamos com as questões lançadas pelas crianças, nosso desafio é buscar articulações possíveis com os componentes curriculares abraçados pela escola. No caso da Língua Portuguesa, em aproximação com a Literatura, geralmente optamos pelo estudo dos gêneros e percebendo aqueles que podem nos ajudar na condução do Tema de Pesquisa.

Sendo assim, decidimos adotar o gênero literário *lendas*. Em nossas pesquisas com as crianças nos deparamos com a Lenda de Iemanjá, considerada a mãe do mar dentro do universo religioso afro-brasileiro. Então, resolvemos apresentá-la às crianças. Para tanto, utilizamos a obra “A mãe dos peixes leva para o seu reino os filhos homens”, escrita por Reginaldo Prandi (2001). Assim, procedemos com a leitura dessa história, respeitando as etapas de pré-leitura, leitura e pós-leitura proposto por Smith (2000).

Porém, o que seria apenas um momento de apreciação literária, tornou-se campo de questionamentos pelas crianças. O livro, com bastante ilustrações, suscitou o interesse das crianças. A leveza do texto, aliada ao desvelamento de novas

informações desconhecidas desse público, despertou a curiosidade em obter maiores informações, como as perguntas expressas: essa história é verdadeira? Professora, a Iemanjá existe? Você acredita em Iemanjá professora? Por que esses nomes estranhos: Ossá, Oquerê, Olocum?

As perguntas lançadas pelas crianças demonstraram um desejo em aprofundar o conhecimento a respeito de quem é Iemanjá e o que ela representa no imaginário social. Poder-se-ia dizer que por se tratar de uma lenda, Iemanjá não passaria de uma história fabulosa, mas era também dever da escola explicar que algumas pessoas creem em Iemanjá, não como história folclórica, mas como crença religiosa.

Dessa maneira decidimos ampliar essa compreensão e partirmos para a *organização do conhecimento (OC)*, outro momento do Tema de Pesquisa, pensando em atividades que ajudassem a responder as indagações do grupo, tais como:

1. Leitura e interpretação de texto sobre trecho da lenda de Iemanjá apreciada em sala

Após a apreciação de uma leitura sobre a lenda de Iemanjá realizada pelas professoras, as crianças receberam um trecho daquele texto para responderem algumas questões, em uma atividade de mesa, que era individual. Como no momento da leitura, nem todas as crianças se pronunciaram, a atividade tinha o objetivo, naquele momento, de: compreender a concepção que cada criança possuía sobre a lenda de Iemanjá (acreditam, não acreditam), expandir seus conhecimentos sobre o gênero textual: lenda, conhecer detalhadamente o que conta a história de Iemanjá, já que a escrita sistematiza o conhecimento apreciado, além de desenvolver a habilidade de interpretar textos.

A atividade gerou muita discussão em sala de aula, em um primeiro momento, pelo fato de que as lendas geram a dúvida da crença. No momento de socialização, as professoras iniciaram um diálogo sobre o fato de existirem pessoas que acreditam verdadeiramente em

A MÃE DOS PEIXES LEVA PARA SEU REINO OS FILHOS HOMENS

NA NONA REUNIÃO FORAM NARRADAS DEZESSEIS HISTÓRIAS,
MAS A QUE MERECEU APLAUSOS INCONTIDOS FOI A CONTADA POR OSSÁ.
A HISTÓRIA FALAVA DE IEMANJÁ, QUE ERA CASADA COM O REI OQUERÊ.
ELES VIVIAM BEM, CUMPRINDO OS ACORDOS MATRIMONIAIS,
MAS UM DIA CADA UM FALOU MAIS DO QUE DEVEIA
E AS PALAVRAS DE UM OFENDERAM GRAVEMENTE O OUTRO.
BRIGARAM COMO NUNCA TINHAM BRIGADO ANTES.
DOLOROSAMENTE, AGRESSÕES VERBAIS SE MATERIALIZARAM.
TEMENDO A FÚRIA DE OQUERÊ, IEMANJÁ FUGIU, CORREU DESABALADA.
ELE FOI ATRÁS DELA, PERSEGUIU-A PELAS ESTRADAS.
QUANDO OQUERÊ ALCANÇOU IEMANJÁ E SE LANÇOU SOBRE ELA,
ELA CAIU NO CHÃO, QUASE VENCIDA.
MAS IEMANJÁ TINHA UM FRASCO QUE SUA MÃE,
QUE ERA OLOCUM, A SENHORA DO OCEANO, LHE DERA.

Trecho do livro "Os príncipes do destino: histórias da mitologia afro-brasileira", do autor Reginaldo Prandi, São Paulo, 2001.

Iemanjá, como um orixá, e que estas pertencem a uma religião conhecida por Candomblé.

As crianças quiserem conhecer ainda mais sobre essa religião e sobre os orixás. As professoras trouxeram várias imagens de orixás, o que levou a discussão de suas vestimentas e adornos, muito variadas e diferentes do que estavam acostumados a ver atualmente. O diálogo estabelecido nesse momento também relacionou cada orixá à sua história, aos seus

poderes. A lenda de Omolu, orixá da doença e da cura, por exemplo, foi contada no momento da história, e sua imagem chamou atenção pelas palhas que cobriam todo o corpo de um homem. Ao fim desse momento as crianças descobriram que a palha cobria as feridas e coceiras que Omolu possuía quando criança e que foi abandonado por sua mãe e acolhido por Iemanjá. O mistério que envolve sua representação visual envolveu também as crianças no conhecimento sobre os representantes da religião do Candomblé. Ao fim dessa vivência descobriram que orixás

“são deuses africanos que correspondem a pontos de força da Natureza e os seus arquétipos estão relacionados às manifestações dessas forças. As características de cada Orixá aproxima-os dos seres humanos, pois eles manifestam-se através de emoções como nós. Sentem raiva, ciúmes, amam em excesso, são passionais. Cada orixá tem ainda o seu sistema simbólico particular, composto de cores, comidas, cantigas, rezas, ambientes, espaços físicos e até horários”.

Em seguida, as professoras, com o objetivo de conhecer as ideias imagéticas que os alunos faziam sobre Iemanjá, tendo por base apenas a primeira lenda que apreciaram no momento de leitura, pediram que desenhassem Iemanjá, da maneira que desejassem. Para essa atividade utilizaram papel A4, lápis grafite, lápis hidrocor, coleção de madeira e borracha.

2 Atividade Desenho livre - Como será Iemanjá?

NOSSAS IMPRESSÕES SOBRE IEMANJÁ



Os desenhos demonstraram o completo desprendimento com a imagem mais comum/padrão que os adultos conhecem de Iemanjá: cabelos longos e negros, vestido. Mas completamente relacionados a apreciação da lenda sobre “a mãe dos peixes” sob o olhar das crianças: uma mulher, que mora no mar, que cuida dos filhos peixes. Até porque todos disseram que não conheciam e não sabiam quem era Iemanjá, antes da leitura do texto, ou seja, não possuíam uma imagem pré-concebida, construíram essa representação a partir da leitura e das discussões realizadas. Como a pesquisa sobre Iemanjá está inserida no grande tema “Mares e Oceanos”, as crianças também se utilizaram do conhecimento que possuíam sobre animais marinhos e representaram no desenho, além dos peixes, outros animais que não foram citados durante a história, como o desenho do polvo e do tubarão acima.

Criança 1 - professora a minha Iemanjá está de biquíni porque, se ela mora no mar ou na praia, ela precisa usar biquíni.

Como as professoras contaram a história sem expor imagem alguma (intencionalmente) as crianças ficaram muito curiosas para saber como seria Iemanjá e por isso, solicitavam a visualização de sua imagem. Nós apresentamos a capa do livro lido, que possuía a Iemanjá e trouxemos também a imagem dela, a partir do olhar do artista Hector Júlio Páride Bernabó, mais conhecido como Carybé, apreciador da cultura afro-brasileira. Portanto, a terceira atividade foi concebida em dois momentos: o primeiro, em uma exposição dialogada sobre vida do artista argentino, naturalizado brasileiro. Em segundo, a apreciação de algumas obras do artista, seguida de atividade de mesa sobre essa vivência.

3 Atividade de Arte: conhecendo o artista e a obra de Carybé (apreciador da cultura afro-brasileira)

1. EM NOSSAS ÚLTIMAS AULAS DE ARTE TEMOS CONHECIDO E APRECIADO ALGUMAS OBRAS DO ARTISTA CARYBÉ. PERCEBEMOS QUE SUAS OBRAS APRESENTAM ALGUMAS CARACTERÍSTICAS EM COMUM, POIS SÃO INSPIRADAS NA CULTURA AFRO-BRASILEIRA. A PARTIR DE NOSSAS VIVÊNCIAS EM SALA, OBSERVE AS OBRAS A SEGUIR DO ARTISTA EM ESTUDO E RESPONDA AS QUESTÕES. VOCÊ DEVERÁ OBSERVAR ATENTAMENTE AS OBRAS E POR MEIO DE UMA APRECIÇÃO RESPONDER O QUE É PROPOSTO:



A) O QUE VOCÊ SENTE AO VER AS OBRAS?



As crianças puderam perceber as marcas próprias do autor na utilização de cores quentes, na preocupação em retratar o cotidiano e a cultura afro-brasileira. Ainda teceram comentários sobre a alegria e a diversão da obra “capoeira na praia” e sobre o sofrimento das mulheres em “lavadeiras”, pois estavam no sol quente transportando bacias na cabeça. Uma criança perguntou porque aquelas mulheres estavam naquele sol quente e sua colega respondeu que era porque ela era escrava, e que a turma já tinha estudado sobre a escravidão, que os negros que vieram da África sofriam de tanto trabalhar e não recebiam nada em troca.

Após o conhecimento do artista e de algumas de suas obras, apresentamos a Iemanjá, do artista Carybé e, propomos uma atividade de releitura com as crianças, a partir da técnica do carvão, inspirada na Proposta Triangular da autora Ana Mae Barbosa, que concebe três aspectos de ensino aprendizagem para a Arte Educação: contextualização histórica, apreciação artística e fazer artístico (BARBOSA, 1995).

Por isso, conhecemos a obra abaixo, discutimos sobre o contexto histórico e social que foi produzida, retomando a discussão sobre a escravidão, os negros, a África e os seus costumes, a história da própria Iemanjá, e do autor Carybé, destacando que se interessava pela pintura de orixás e pelo Candomblé, como religião afro-brasileira. Em

seguida, apreciamos a obra e observamos detalhes da vestimenta de Iemanjá, da cor de sua pele, dos adornos que segurava e vestia e principalmente sobre o que vendava os seus olhos. Também relacionamos essas características à cultura afro-brasileira.

Imagem 1 – “Iemanjá” por Carybé



Criança 3 - os africanos gostam de roupas coloridas eu já estudei sobre isso, é por isso que essa Iemanjá está com essa roupa colorida.

Criança 4 – ela é uma iemanjá negra. Por que ela segura esse espelho professora?

Criança 5 – é porque ela é vaidosa, lembra da história?

Criança 6 – e por que ela tem isso nos olhos?

Professora – não sei, vamos pesquisar juntos?

Quando chegamos ao “fazer artístico” a proposta foi a de utilizar a técnica do carvão para realizar releitura da obra. É válido destacar que releitura não é cópia e isso deveria estar claro para as crianças. Por isso, a compreensão sobre a obra se faz importante, para que os pequenos sejam capazes de recriar a partir de seus olhares próprios, exercitando criatividade e sensibilidade, inspirados no artista pesquisado.

4 Atividade de releitura: utilizando a técnica do desenho com carvão para desenhar Iemanjá, inspirados na obra “Iemanjá” de Carybé

Inicialmente fizeram o plano do desenho em papel peso 40, planejando o que gostariam de realizar. Como o carvão deixa muitas marcas manchadas no papel, o cuidado com os instrumentos de desenho foi levado em consideração. Algumas crianças sentiram a necessidade de desenhar mais de uma vez, pois se arrependiam do plano inicial pensado. A ideia de proporção da imagem foi discutida pela turma, já que alguns colegas realizaram inicialmente desenhos muito pequenos, que prejudicava a percepção de detalhes e boa visualização da obra. Após o plano idealizado a cobertura foi feita com pequenos bastões de carvão. As produções ficaram assim:



A atividade seguinte, foi considerada umas das mais importantes no decorrer dos estudos sobre o Candomblé. Isso porque as professoras convidaram um docente de Antropologia que estuda e se identifica com a cultura afro-brasileira. Ele aceitou o convite e a turma elaborou, coletivamente, um roteiro de entrevista, que incluía muitas dúvidas sobre essas pesquisas.

Durante o segundo trimestre do ano de 2016, período no qual o estudo sobre a religião do Candomblé foi desenvolvido, algumas famílias se mostraram preocupadas e aflitas, tanto que a temática foi pauta de reunião trimestral da escola.

Além disso, alguns pais e mães se mostraram insatisfeitos com diálogos estabelecidos na escola sobre o Candomblé, que se repercutiram em casa. Comentários como: “Não quero que meu filho aprenda isso”, “Isso não é de Deus”, “E a escola vai ensinar macumba agora?” Fizeram parte dos estudos desse Tema de Pesquisa.

Para a pesquisadora Stela Guedes Caputo, que investigou a relação da religião afro-brasileira com a educação pública no Rio de Janeiro, a autora de ‘Educação nos terreiros – e como a escola se relaciona com as crianças do candomblé’, publicada em 2012, o ensino religioso obrigatório aumenta a intolerância nas escolas (Jornal GGN, 2013).

Alguns desses comentários demonstram uma mensagem subliminar de falta de respeito e intolerância, por isso, para Caputo (2012) a obrigatoriedade do ensino religioso deveria ser extinta. Em suas pesquisas, a autora confirmou a grande discriminação de crianças que frequentam os terreiros, na escola. “As crianças estabeleciam táticas, diziam que eram católicas na escola para não sofrer. Elas têm orgulho da fé, religião, hierarquia, comunidade de terreiro, se sentem muito bem, mas do portão para dentro. Isso é o cruel de uma prática que eu chamo de discriminação religiosa e racial, porque a maioria é negra” (CAPUTO, 2013, p.1)

Essa discussão é intensa e complexa, principalmente porque sabemos que o Candomblé chega ao Brasil com os negros escravizados e que nosso país possui hoje uma população de 54% de negros (pretos e pardos), sendo, portanto, maioria da população em 2014, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, divulgados em 2015.

O que percebemos é que o preconceito racial também está relacionado à religião do Candomblé, que por ter sua origem na história da escravidão é considerada pejorativa. É importante salientar que quando a mesma turma estudou sobre a hipótese cristã relacionada à origem dos mares e oceanos, na Bíblia, tal situação não incomodou a comunidade familiar. Muitas vezes, a falta de conhecimento nos leva ao preconceito e como forma de oportunizar a sua superação, além da construção de respeito e tolerância ao outro e ao “diferente de mim”, o

encontro com o professor Marcos Queiroz foi proporcionado, a partir da atividade de número cinco.

Atividade 5 - Preparação do roteiro (dúvidas das crianças) para a entrevista com o professor de Antropologia Marco Queiroz sobre cultura afro-brasileira e Candomblé

O professor Marcos Queiroz preparou uma exposição dialogada com as crianças, extremamente rica, com imagens e informações ainda não conhecidas. Em seguida, cada aluno realizou uma questão ao convidado, que foi respondendo e utilizando como suporte alguns slides e materiais que trouxe, como livros, orixás, vestimentas.

Marcos apresentou o samba e a capoeira como elementos da cultura afro-brasileira que seriam próximos das crianças, para que compreendessem o conceito e sentissem que fazem parte da vida delas, como brasileiros que são e, portanto, descendentes e pertencentes à essa cultura. As dúvidas foram esclarecidas, as crianças refletiram sobre o fato de que todas as religiões foram criadas para o bem da humanidade, desmistificando a ideia do Candomblé como religião do mal. Além disso, ao saberem que Marcos era, além de estudioso, adepto do Candomblé, sentiram-se surpreendidos pela proximidade com a religião e pelo comportamento do professor que mais uma vez, não revelava maldade, como assim pensavam inicialmente.

ENTREVISTANDO O PROFESSOR MARCOS QUEIROZ E APRENDENDO SOBRE A CULTURA AFRO- BRASILEIRA



ROTEIRO DE ENTREVISTA AO PROFESSOR MARCOS QUEIROZ

1. QUANDO VOCÊ COMEÇOU A PESQUISAR SOBRE ESSAS QUESTÕES DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA?
2. QUAIS AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO POVO AFRO-BRASILEIRO?
3. VOCÊ JÁ PRODUZIU ALGUMA OBRA DE ARTE SOBRE A CULTURA AFRO-BRASILEIRA?
4. VOCÊ JÁ CONHECEU UMA PESSOA AFRO-BRASILEIRA?
5. VOCÊ JÁ CONHECEU ALGUM ARTISTA QUE FEZ OU FEZ OU FEZ ALGUMA OBRA SOBRE IEMANJÁ OU OUTROS ORIXÁS?
6. O CANDOMBLÉ ACREDITA EM DEUS?
7. VOCÊ SE CONSIDERA AFRO-BRASILEIRO?
8. POR QUE EM ALGUMAS OBRAS IEMANJÁ USA UMA ESPÉCIE DE MÁSCARA NOS OLHOS?
9. VOCÊ SABE QUAL É A TRADIÇÃO DO CANDOMBLÉ?
10. VOCÊ JÁ VIU EM UM TERREIRO?
11. COMO SÓTIMO O CANDOMBLÉ?
12. VOCÊ ACREDITA NO CANDOMBLÉ?
13. VOCÊ JÁ CONHECEU O ARTISTA CAKETE?
14. VOCÊ ACREDITA EM ALGUM ORIXÁ DO CANDOMBLÉ?
15. COMO É A CULTURA AFRO-BRASILEIRA?
16. VOCÊ CONHECE ALGUM ORIXÁ?
17. POR QUE OS ORIXÁS SÃO LIGADOS À NATUREZA?
18. O QUE ACONTECE NO CULTO DO CANDOMBLÉ?
19. VOCÊ TEM ALGUMA MEMÓRIA DE ORIXÁ?
20. OS ORIXÁS SÃO UNIDOS?

A sistematização de nossas pesquisas sobre o Candomblé, representando a aplicação do conhecimento (AC) na metodologia do Tema de Pesquisa, se deu a partir da visita dos alunos à escultura de Iemanjá, localizada na praia do Meio, em nossa cidade Natal, no Estado do Rio Grande do Norte. E também, além de “ver de perto” um símbolo concreto da religião do Candomblé, as crianças foram capazes de produzir um texto coletivo sobre esse momento, aplicando o conhecimento estudado durante o trimestre, concluindo com as atividades de números seis e sete, a seguir.

Atividade 6: Visita de estudos à escultura de Iemanjá, localizada na praia do Meio, Natal/RN



Atividade 7: Produção de texto coletivo por crianças do 2º ano do Ensino Fundamental

IEMANJÁ: A RAINHA DO MAR E O CANDOMBLÉ

A turma do 2º ano conheceu a lenda de Iemanjá, a Rainha do mar. Mas descobriu que algumas pessoas acreditam nela de verdade. Ela é um orixá que pertence a religião do Candomblé, uma mulher forte que protege o mar e quem vive nele. Os escravos africanos criaram essa religião e a trouxeram para o Brasil, por isso é uma religião afro-brasileira. Nós conhecemos um artista que se interessa por essa cultura e que pinta orixás, chamado Carybé. Ele é um artista que gosta de usar cores fortes em suas obras e representar os costumes dos afro-brasileiros, como podemos perceber em suas obras “Capoeira” e “Lavadeiras”. Alguns colegas começaram a dizer que o Candomblé é uma religião do mal e por isso nós convidamos um professor que estuda a cultura afro para esclarecer algumas questões. Marcos Queiroz realizou uma apresentação que mostrava muitas novidades sobre a religião como as vestimentas típicas e instrumentos, por exemplo. Aprendemos que o objeto que cobria os olhos de Iemanjá, se chamava “chorão” e ele nos ensinou que nenhuma religião foi criada para fazer o mal e sim o bem. Nós ficamos surpresos quando o professor Marcos nos disse que sua religião era o Candomblé. Achamos ele normal e ele não tinha cara de mal. Além disso nos falou que “macumba”, um termo que causa muito medo nas pessoas, é apenas o nome de um instrumento utilizado nos cultos do Candomblé. Finalizamos nossos estudos visitando a escultura de Iemanjá, localizada na Praia do Meio. Ela é grande e bonita e está protegendo os mares da nossa cidade Natal. Todo mundo entendeu que a gente deve conhecer a religião antes de dizer que ela é não é boa e principalmente respeitar a religião de todos, mesmo que seja diferente da nossa. O Candomblé é apenas uma maneira de acreditar nas coisas e existem muitas outras, como os que acreditam na Bíblia, por exemplo.

Turma do 2º ano

Considerações Finais

A principal finalidade do Ensino Religioso nas escolas é de apresentar as diferentes manifestações religiosas existentes, sem privilegiar uma em detrimento das outras, permitindo que as crianças e as famílias possam manifestar suas crenças, sem discriminação ou hierarquização, e até mesmo a ausência delas. Nesse sentido, a instituição deverá assumir o compromisso pela construção de uma sociedade inclusiva, valorizando os conhecimentos de todas as culturas, tradições religiosas e não religiosas.

Quando iniciamos o estudo, houve empolgação das crianças, mas quando o trabalho saiu dos muros da escola, chegando às famílias, notamos certa resistência no andamento das investigações. Desta feita, ouvimos em algumas situações no discurso das crianças que a associação do Candomblé a práticas religiosas maldosas, citando-a como religião do “mal”, ou mesmo proferindo que tratar desse assunto “não era de Deus”. Esse contexto conturbado contribuiu, de fato, para reforçar a necessidade de prosseguirmos com os estudos e esclarecermos alguns pontos, no sentido de debatermos sobre o respeito e a tolerância com as religiões.

As vivências ajudaram as crianças e as famílias a conhecerem a origem do Candomblé e a compreenderem que algumas palavras como “macumba” significavam apenas um instrumento de percussão africano utilizado nos cultos. Além disso, entrevistar um pesquisador (antropólogo) de religiões afro-brasileiras, desmistificou algumas crenças errôneas sobre a religião, mostrando os elementos constitutivos do Candomblé, suas características e formas de organização, seus símbolos e

representantes. Devido a sua ligação com a natureza e os fenômenos naturais, o Candomblé tornou-se uma prática religiosa admirada pelas crianças.

Concluimos que a falta de conhecimento é um dos fatores desencadeadores do preconceito. A escola precisa debater sobre esse assunto, abrindo espaço para discussões que ampliem os conhecimentos sobre todas as religiões, o que contribuirá para a formação de crianças mais tolerantes e respeitosas com as crenças alheias.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e Prática da Educação Artística**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- BRASIL, Ministério de Educação. **Base Nacional Comum Curricular. Secretaria de Educação Básica**. (2ª versão da BNCC). Brasília, 2015.
- CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé**. Rio de Janeiro, Pallas:2012.
- FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DE ENSINO RELIGIOSO. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Religioso**. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.
- NATAL, Secretaria Municipal de Educação. **Referenciais curriculares para o ensino fundamental Ensino Religioso anos iniciais e finais**. Natal (RN), 2008.
- NOVA ESCOLA. **As leis brasileiras e o ensino religioso na escola pública**. Publicado em GESTAO ESCOLAR. Edição 004, Outubro/Novembro 2009.
- NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA - NEI. **Proposta Pedagógica – Ensino Religioso**. 2014.
- PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Ensino Religioso**. Departamento de Educação Básica. Curitiba- Paraná, 2008.
- PRANDI, Reginaldo. **Os príncipes do destino: histórias da mitologia afro-brasileira**. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 2001.
- RÊGO, Maria Carmem. O currículo em movimento In: Núcleo de Educação Infantil – UFRN. **Caderno Faça e Conte**. Ano 2 – nº 2 – Vol. 2. Natal: 1999.